

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IULLY PUPIA FERRETTO

SABERES E FAZERES DO MAR: OFICINAS COMO ALTERNATIVA  
EDUCACIONAL INTEGRADORA NAS ESCOLAS DAS ILHAS DO LITORAL  
PARANAENSE

MATINHOS

2020

IULLY PUPIA FERRETTO

SABERES E FAZERES DO MAR: OFICINAS COMO ALTERNATIVA  
EDUCACIONAL INTEGRADORA NAS ESCOLAS DAS ILHAS DO LITORAL  
PARANAENSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Marion Andreoli

MATINHOS

2020

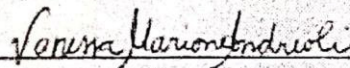


**TERMO DE APROVAÇÃO**

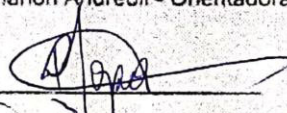
**IULLY PUPIA FERRETTO**

**SABERES E FAZERES DO MAR: OFICINAS COMO ALTERNATIVA EDUCACIONAL  
INTEGRADORA NAS ESCOLAS DAS ILHAS DO LITORAL PARANAENSE**

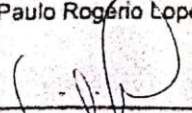
Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma  
Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial  
à obtenção do título de Especialista.

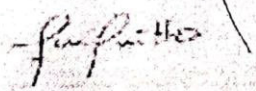


Profa. Dra. Vanessa Marion Andreoli - Orientadora



Prof. Dr. Paulo Rogério Lopes

  
Profa. Esp. Josilison Alberton

  
Iully Pupia Ferretto

Matinhos, 06 de dezembro de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os educadores e educandos das Escolas do Campo das Ilhas do litoral paranaense, pela abertura e construção coletiva das atividades do Projeto Saberes e fazeres do Mar. Aos oficinairos voluntários, que compartilharam seu tempo e seu trabalho conosco, a equipe incrível da qual faço parte, que vive e vibra com a pesquisa aplicada, a extensão universitária e o saber, fazendo no chão da escola.

Aos meus colegas da ANE! Sou eternamente grata por dividir essa caminhada com vocês, nos emocionamos, dançamos, debatemos e nos fortalecemos nos encontros. Desejo que o mundo conheça o brilho no olhar de cada um de vocês.

Ao meu filho Pedro, que no auge dos seus quatro anos divide seu tempo “mãe” com minha caminhada de estudos e trabalhos. Por brincar do meu lado enquanto eu estudava, por esperar eu concluir alguma escrita pra me dizer coisas engraçadas e trazer leveza pro meu dia a dia. Nosso amor é força motriz.

Quantas vezes afirmamos que  
'já não se fazem alunos como antigamente'  
e insistimos em ser professores 'de antigamente'?

(TEREZINHA AZÊREDO RIOS)

## RESUMO

O Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação (ANE) apresenta a seus integrantes teorias, metodologias e vivências educacionais contra hegemônicas, essas baseadas em princípios que prezam a autonomia, solidariedade e responsabilidade. Durante o curso compartilhamos projetos e aplicamos nossos aprendizados em atividades conjuntas e em projetos próprios. Este memorial está organizado em introdução, memória de vida, relato e considerações finais. Relato minha experiência durante o curso e como meus aprendizados na ANE afetaram meu trabalho no projeto "Saberes e fazeres do mar: diálogos entre o currículo e a realidade local nas escolas das ilhas do litoral paranaense", o qual trabalho diretamente com os educandos. Considerando a importância de integrar as demandas dos educandos e construir alternativas educacionais que sejam representativas a seus interesses, realizamos o diagnóstico "Que escola queremos?". A partir de reuniões e resultados do diagnóstico iniciamos um ciclo de oficinas de aprendizagem onde voluntários, através da mediação, ofertam espaço de partilha de conhecimento e experiências com os educandos, com o intuito de contribuir na construção de uma educação do campo que atenda as demandas da comunidade escolar e local das escolas das ilhas do litoral paranaense.

Palavras-chave: 1. educação 2. educação do campo 3. alternativas educacionais  
4. escolas do campo 5. oficinas de aprendizagem

## ABSTRACT

The Specialization Course in Alternatives for a New Education (ANE) presents to its members counter-hegemonic theories, methodologies and educational experiences, based on principles that value autonomy, solidarity and responsibility. During the course we share projects and apply our learnings in joint activities and in our own projects. This memorial is organized in introduction, life memorial, report and final remarks. I report my experience during the course and how my learnings at ANE affected my work on the project "Saberes e Fazeres do Mar: diálogos entre o currículo e a realidade local nas escolas das ilhas do litoral paranaense" (To know and to do the sea: dialogues between the curriculum and the local reality in schools on the islands of the Paraná's coast, in a free translation), which I work directly with students. Considering the importance of integrating the students' demands and building educational alternatives that are representative of their interests, we made the diagnosis "What school do we want?". From meetings and results of the diagnosis, we started a cycle of learning workshops where volunteers, through mediation, offer space for sharing knowledge and experiences with students, in order to contribute to the construction of rural education that meets the schools demands of the school and local community on the islands of the coast of Paraná.

Keywords: 1. education 2. rural education 3. educational alternatives 4. rural schools 5. learning workshops

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	1
2 MEMÓRIA DE VIDA .....	3
3 RELATO .....	6
3.1 DE PESQUISADORA A EDUCADORA: TRAJETÓRIA ANE .....	6
3.2 SABERES E FAZERES DO MAR: OFICINAS COMO ALTERNATIVA EDUCACIONAL INTEGRADORA NAS ESCOLAS DAS ILHAS DO LITORAL PARANAENSE .....	11
3.2.1 Que escola queremos? .....	12
3.2.2 Oficinas interdisciplinares .....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
REFERÊNCIAS .....	20



## 1 INTRODUÇÃO

As escolas estaduais das ilhas do litoral paranaense estão inseridas na Educação do Campo desde a criação dessa modalidade de ensino, em 2006, por meio da publicação do documento Diretrizes Curriculares da Educação de Campo. Sendo política pública de nível nacional, adotada pelo estado do Paraná, vem sendo aperfeiçoada em ação conjunta de governo e sociedade civil organizada. É uma medida que fomenta a educação de qualidade a sujeitos do campo e a diversidade sociocultural através de modelos pedagógicos que valorizem a cultura, necessidades humanas e sociais locais (DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2006).

Em 2010 a instrução nº 022 (SUED – SEED) implementa a formação dos educadores para lecionar nas Áreas do Conhecimento, que condensa disciplinas conforme a tabela 1.

TABELA 1. ORGANIZAÇÃO DAS ÁREAS DO CONHECIMENTO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

<b>Áreas do Conhecimento</b>	<b>Disciplinas</b>
Expressões Culturais Artísticas	Arte
Ciências da Natureza	Ciência
Linguagens	Língua Portuguesa
	Língua Estrangeira
Ciências Humanas I e II	Geografia
	História
	Ensino Religioso
Cultura Corporal	Educação Física
Ciências Exatas	Matemática

FONTE: INSTRUÇÃO N° 022/2010 – SUED/SEED (2010)

A estratégia de ensino adotada pelas Ilhas tem como objetivo adequar o processo de aprendizagem à realidade local, considerando os modos de vida específicos das Ilhas. Para que esse processo seja possível, eixos temáticos devem ser trabalhados através das áreas de conhecimento, que por sua vez precisam ter caráter interdisciplinar. (INSTRUÇÃO N° 019 /2010 – SUED/SEED).

A fim de contribuir nessa transição de ensino-aprendizagem, que visa o entrelaçamento dos saberes, os eixos temáticos na proposta pedagógica das Ilhas, segundo Januário e Fleig (2015), são: a) Modos de vida: Trabalho, Cultura(s) e Identidade(s); b) Territórios: Natureza, Poder e Políticas; c) Saúdes: Hábitos e Costumes. Os mesmos autores explicam que a partir dessa abordagem o docente pode promover o diálogo de saberes tradicionais e escolares (JANUÁRIO E FLEIG, 2015).

Atendendo a proposta de ensino-aprendizagem das ilhas e considerando que a escola apresenta um papel crucial no fortalecimento das comunidades e emancipação dos sujeitos que dela participam, o projeto de pesquisa e extensão "Saberes e fazeres do mar: diálogos entre o currículo e a realidade local nas escolas das ilhas do litoral paranaense", realizado em parceria com o Núcleo Regional de Educação de Paranaguá e a Secretaria Estadual de Educação, tem por objetivo aliar a formação inicial de estudantes da Universidade Federal do Paraná (UFPR) com a formação continuada de docentes das escolas estaduais das ilhas do litoral paranaense e suas comunidades escolares. O Projeto é dividido em quatro etapas: 1. diagnóstico da realidade escolar das comunidades, planejamento e organização do curso de formação; 2. formação de docentes; 3. construção de materiais didáticos e 4. exposição itinerante (ANDREOLI E MELLO, 2018).

Para que seja possível o curso de formação de professores e comunidades, é necessário paralelamente desenvolver atividades educativas com os estudantes, visto que a formação acontecerá durante o período letivo. Então, atendendo as demandas escolares, este presente projeto visa desenvolver trabalho com caráter interdisciplinar, intercultural e interexperencial com educandos do ensino fundamental II e ensino médio através de atividades e oficinas.

Este memorial está organizado em: memórias de vida, ilustrando o que me motiva e me trouxe até aqui; minha trajetória na ANE e os aprendizados vivenciados que me despertaram ainda mais para educação; relato dos projetos desenvolvidos a partir da minha transformação nesse período de curso e considerações finais sobre esse caminhar.

## 2 MEMÓRIA DE VIDA

Revisitando as memórias de vida, pensando em como cheguei até aqui lembro das tardes de sol na casa da minha avó, eu criança sozinha no quintal. O ócio me levava a observação, das formigas em fila carregando folhas ou somente seguindo a fila, colocar o dedo era inevitável, “o que acontece se eu criar uma barreira aqui? Aaah elas desviam e retornam a fila...” é engraçado como a ‘falta do que fazer’ me levou ao que eu mais gosto de fazer: observar e experimentar. Sozinha no quintal fui criando afinidade em colar o rosto no chão e observar, em arrancar flores escondidas da minha vó e despedaçar, cheirar... brincar. Não faltou tempo para o meu pai perceber que eu tinha curiosidade e vontade de aprender com a ‘natureza’. Aí vieram os incentivos: um laboratório na garagem da vó, com coleção de insetos, cobras fixadas em álcool, mesa de trabalho, kit de química e meu microscópio, o qual mesmo sem funcionar guardo até hoje com muito carinho. O meu laboratório era o melhor lugar do mundo e ao mesmo tempo uma grande vergonha, quase nenhuma criança que eu tinha amizade sabia da existência daquele espaço. Era considerado estranho gostar de ciência. Principalmente por essa última frase na adolescência a ciência ficou de lado, eu queria experimentar o que estava na moda e até fingir que não gostava de nada.

A escola era um ambiente hostil e eu sabia que não gostava de copiar a lousa, nem estudar pra provas, nem saber quem era o ‘*eu lírico*’. Eu não gostava da escola, mas amava todas as pessoas que estavam nela. Gostava de ir para a escola somente por um motivo: interagir com as pessoas, escutar minhas professoras e conversar sobre de tudo um pouco com as pessoas da minha idade. Se eu me esforçar para lembrar da escola eu lembro somente das aulas de história, ciências e geografia. Passei por todo processo de escolarização sendo uma ‘aluna mediana’, sem me esforçar para tirar grandes notas, estudando para a prova somente em últimos casos e não querendo faltar para poder integrar a vida social que a escola oferece. O que me chamava atenção eu absorvia, interessava e vibrava, o que não chamava, eu seguia o protocolo de aprender o suficiente para passar de ano. Alguns educadores marcaram minha trajetória na escola e foram esses que através de conselhos e desabafos compartilhados me despertaram uma admiração. Neles era visto a alegria em educar!

Devido a minha trajetória escolar e minha falta de comprometimento com os estudos cheguei a idade do vestibular sem saber quase nada, nem ao menos como era o formato da prova. Meu primeiro vestibular, no fim do ensino médio, serviu para saber duas coisas: que eu não sabia de quase nada que estava naquela prova e que eu não queria cursar psicologia (minha primeira tentativa). Ao contrário de muitos colegas que conheci na universidade, eu e meus colegas da escola nem ficamos frustrados em não passar, afinal, de uma turma de quarenta alunos eu e mais cinco tentamos. Terminando o ensino médio mergulhei no primeiro trabalho de carteira assinada: recepcionista de um escritório de contabilidade. O que parecia ser uma porta de entrada para o mundo da contabilidade (que eu até tinha lá um interesse) foi todo o incentivo para trabalhar para pagar um cursinho e voltar a estudar, dessa vez estudar alguma coisa que eu gostava mesmo. Mas antes precisava passar no tal do vestibular. E aí foi um ano de trabalho, correria e estudo. Foi no cursinho que peguei gosto por estudar, conheci áreas de conhecimento que nunca tinha escutado falar, frequentava aulas repetidas de redação e geopolítica nos finais de semana e ficava abismada com o universo de conhecimento que não tinha visto na escola. Foi aí talvez que a pulga começou a coçar atrás da orelha.

Passei no vestibular, iniciei meus estudos na UFPR e me dediquei a aprender o que amava: o mar. Na universidade me emancipei, aproveitei todas as oportunidades de aprendizado possíveis. Resgatei aquela criança que tinha curiosidade de entender como a natureza funciona, desenvolvi uma vontade imensa de trabalhar com pessoas e senti o desejo de retornar à escola pública, da onde eu vim, para falar sobre as ciências do mar. E foi por esse desejo de pisar na escola novamente e disseminar conhecimento científico que encontrei a educação num curso de bacharelado através da educação ambiental.

Das memórias mais felizes desse caminhar, guardo a participação no Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros, onde descobri um interesse contínuo de aprender através da escuta e observação. Lá na vila de São Jorge vivi grandes aprendizados com povos indígenas e quilombolas e tive a oportunidade de retornar para 'meu' território com outro olhar, agora mais atento a cultura popular e os saberes tradicionais.

Em areias paranaenses me aproximei do fandango, das ilhas da baía de Paranaguá e a cada ida pra Superagui eu sentia que alguma coisa ali esquentava

meu coração. Enfim senti um propósito de trabalho e conforme fui me aproximando as demandas foram aparecendo e para minha surpresa meus cadernos de viagem serviram anos depois para a escrita de projeto. Conclui minha graduação propondo levar a Oceanografia para a escola e assim fiz através de atividades envolvendo comunidade escolar e comunidade universitária. Superagui foi minha mãe nesse processo e agradeço eternamente a oportunidade de ter vivido momentos de troca tão bons com pessoas tão maravilhosas.

Não menos importante, mas estrategicamente deixado por último, devo registrar o que me motivou trabalhar pelo que acredito: meu filho. Após o nascimento do Pedro me senti motivada em mergulhar de coração e cabeça bem-feita em projetos que façam valer a pena dividir o tempo que poderia estar com ele. Em defender a educação, em pensar em estratégias para uma nova educação, em doar o que for possível para que todos os filhos possam ter a oportunidade de viver muito mais o que vivi através da educação.

### 3 RELATO

#### 3.1 DE PESQUISADORA A EDUCADORA: TRAJETÓRIA ANE

Em 2018 conheci a ANE através da apresentação de trabalhos dos alunos da primeira turma, nomeado “Domingão da desformação” (Fig. 1). O evento era composto por oficinas de planejamento de projetos, atividades de expressão corporal e vivências holísticas. A partir dessa vivência tive a certeza que queria ingressar na especialização e fazer parte desse coletivo.

FIGURA 1. REGISTROS “DOMINGÃO DA DESFORMAÇÃO”



FONTE: A AUTORA (2018)



FONTE: A AUTORA (2018)

Ingresso na ANE ainda em 2018, recém-formada e já atuando na área de educação. Através dos encontros mensais, tive oportunidade de ir aprendendo mais sobre educação emancipatória, autônoma e transformadora.

Durante esse um ano e meio de curso vivencio os princípios da ANE através de aulas, dinâmicas de grupo e momentos de trocas com meus colegas (Fig. 2). As viagens para territórios de aprendizagens foram decisivos para amplitude de aprendizado através da experiencialidade.

FIGURA 2. REGISTRO DE DINÂMICA DURANTE O CURSO



FONTE: SAMYRA DE LOURDES STEPHAN (2019)

A primeira vivência que proporcionou um olhar diferenciado ao meu projeto foi a participação no VIII Seminário Heliópolis, Bairro Educador “Para organizar a esperança”, que ocorreu em setembro de 2018 em São Paulo – SP. Em Heliópolis aprendi sobre a diferença da participação efetiva da comunidade, com a integração entre escola e comunidade através do modelo pedagógico do Bairro Educador. A participação na mesa de debate “Será que os jovens estão mesmos desinteressados?” discutiu sobre a participação da juventude nos espaços educativos. Alguns pontos induziram o caminhar do meu projeto e guiaram meu olhar como educadora, como por exemplo como criar espaços de escuta e diálogo sobre as demandas dos jovens, a importância da expressão através da arte, a ausência de multiculturas (tradicional, local e global) e como precisamos reorganizar os espaços e dinâmicas atendendo as demandas atuais dos educandos.

Com as reflexões desse seminário passo a ver a escola como centro de formação, afinal como diriam nossos colegas educandos paulistas “Tudo passa pela educação”, percebo que existe um abismo entre o “jovem desinteressado e o jovem desmotivado” e como ambos casos precisam de atenção na escuta. Percebo então, durante um debate com meus colegas, que tudo gira em torno do pertencimento, afinal você se importa com o que você se sente conectado. Retorno para o litoral do Paraná pensando em como posso desenvolver um trabalho que garanta a oportunidade de conexão, que não seja excludente e colonizador, que propicie um espaço de troca de saberes e que principalmente atenda a demanda dos educandos.



Em Palhoça, na Praia da Pinheira e na Guarda do Embaú, conhecemos a Pró-CREP (Criar, Reciclar, Educar e Preservar), uma associação que teve início como projeto de coleta de materiais recicláveis para contribuir financeiramente com a escola municipal. Desde 1992 a idealizadora do projeto, Professora Hélia Alice dos Santos, desenvolve um trabalho socioambiental na comunidade envolvendo poder público municipal, sociedade civil e instituições de ensino superior. Atualmente, além da coleta dos recicláveis, a associação transforma óleo de cozinha em biodiesel e destina aos pescadores artesanais da região, produz sabão partindo do coproduto do processo biodiesel, oferecem oficinas de reaproveitamento de cerâmicas na produção de mosaico e tem um brechó "Consumo Consciente". A associação também realiza Educação Socioambiental com educandos da educação infantil até universitários e firmou parceria com uma casa de recuperação de dependentes químicos, os quais utilizam essa atividade como laborterapia, bem como a renda que custeia o tratamento. Outras pessoas da comunidade também fazem parte desse processo, atualmente vinte e duas famílias exercem essa atividade como sua única fonte de renda<sup>1</sup>.

Durante a visita à sede do projeto, narrativas de transformação social foram contadas e nesse momento de partilha tivemos a oportunidade de ver como a educação permeia ambientes para além das escolas e demais instituições de ensino.

FIGURA 3. RELATO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA SEDE DA PRÓ-CREP



FONTE: A AUTORA (2018)

---

<sup>1</sup> Retirado e adaptado da rede social facebook da Pró - CREP.



Durante esse período vivenciando a ANE a partir dos encontros mensais e das atividades de campo algo inesperado aconteceu: ingressei para aprimorar meu trabalho como pesquisadora na área de educação e descobri que sou educadora também.

Nessa perspectiva desenvolvi a oficina “Aprendendo com o mar” onde os conhecimentos científicos e técnicos de Oceanografia são transformados em uma aula experiencial sobre o mar. A oficina possibilitou minha participação em outros projetos de colegas da rede ANE, sendo a minha primeira participação na semana pedagógica do Colégio Estadual Gratulino de Freitas, situado em Guaratuba, no dia 08 de novembro de 2018, com aproximadamente 35 estudantes do magistério dos turnos da manhã e tarde (Fig. 4).

FIGURA 4. OFICINA APRENDENDO COM O MAR



FONTE: ACERVO APRENDENDO COM O MAR (2019)

A mesma oficina foi realizada no Acampamento Agroflorestal José Lutzenberger, localizado em Antonina, em uma ação conjunta com outros colegas ANE. A metodologia da oficina trabalha a aproximação, acolhimento, apresentação, experimentação e discussão sobre a relação humana com o mar através da divulgação científica e educação ambiental.

Durante duas horas, a oficina utiliza materiais paradidáticos (coleção de grãos de areia, amostras de biota, rochas, água do mar), a lupa e outras ferramentas que mesclam divulgação científica e a educação ambiental para aprender com a natureza (Fig. 5). A oficina também tem um espaço de troca de experiências e relato de sentimentos que o grupo tem com relação ao mar.

FIGURA 5. APRENDENDO COM O MAR EM ANTONINA



FONTE: A AUTORA (2019)

Considerando a intergeracionalidade, que se configura como um princípio de educação contra hegemônica, os grupos têm participantes de diferentes faixas etárias e a partir da interdisciplinaridade aprendemos sobre a física, a química, a biologia e a geologia do mar. A mediação da oficina é dividida em apresentação dos recursos e depois de coadjuvante, atendendo somente dúvidas, deixando ao participante a liberdade para curiosidade ser despertada e estimulada, excluindo a instrução e abrindo espaço para a autonomia dos participantes para a experimentação.

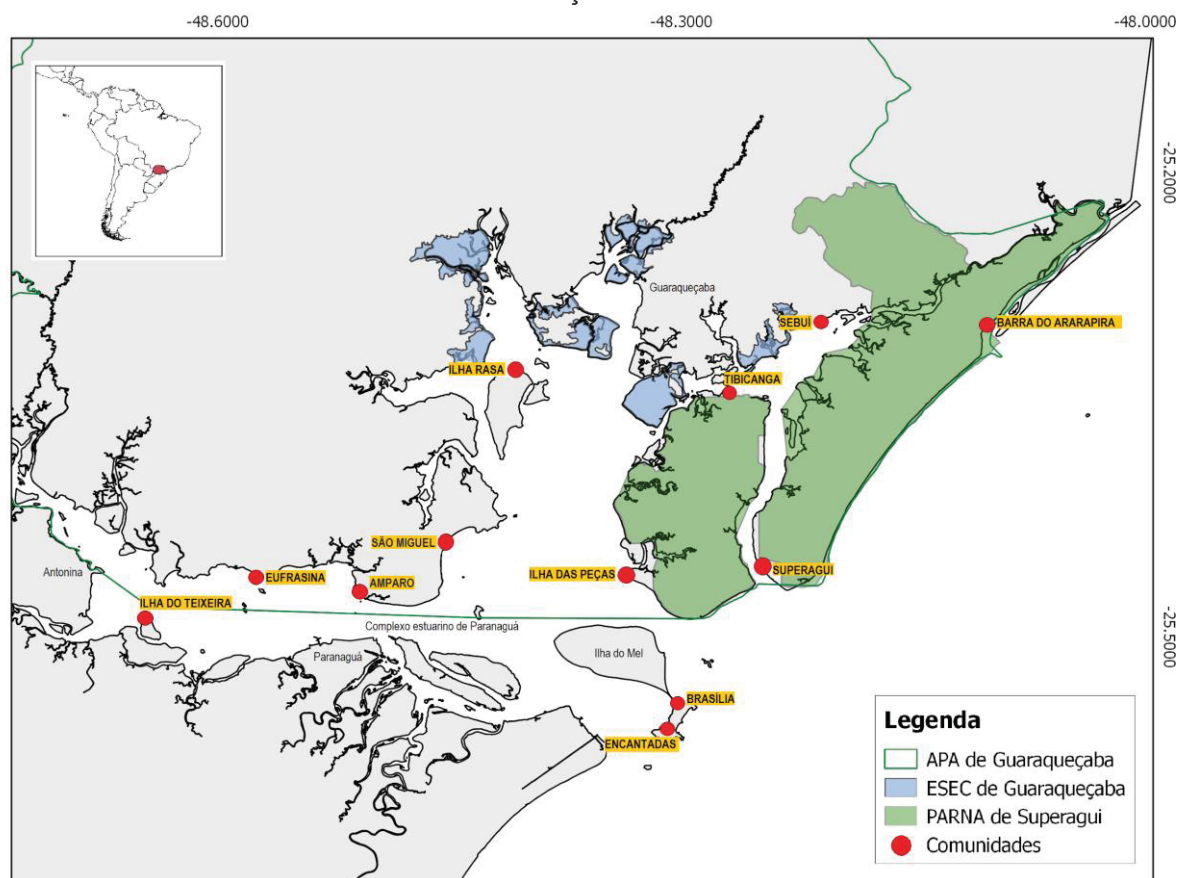
De acordo com Morin (2003, p. 22), além da curiosidade os processos educativos precisam encorajar o educando, a aptidão interrogativa, “a dúvida da sua própria dúvida”, o bom uso da lógica, da dedução entres outros processos naturais que a instrução impede a autonomia no aprendizado, desde os primeiros anos de formação.

### 3.2 SABERES E FAZERES DO MAR: OFICINAS COMO ALTERNATIVA EDUCACIONAL INTEGRADORA NAS ESCOLAS DAS ILHAS DO LITORAL PARANAENSE

O trabalho desenvolvido com os educandos participantes do projeto de extensão Saberes e fazeres do mar é desenvolvido num espaço de mediação em formato de oficinas, no qual os educandos através da autonomia, protagonismo e responsabilidade vivenciam conhecimentos técnicos, científicos e tradicionais relacionados a vida dos povos dos mares.

O território de atuação é a baía de Paranaguá e baías adjacentes. As doze comunidades participantes estão situadas nos municípios de Guaraqueçaba, Antonina e Paranaguá (Fig. 6). As comunidades são consideradas pesqueiras e tradicionais (VIVEKANDA, 2001) e estão inseridas em diferentes unidades de conservação.

FIGURA 6. MAPA DO TERRITÓRIO DE ATUAÇÃO



FONTE: ANDREOLI E MELLO (2019)

Através do documento *Identidade e Organização das Escolas do Campo no Estado do Paraná*, a Secretaria de Educação do Estado (SEED) convoca as redes municipais e estaduais a definirem sua identidade sociocultural, num processo de consulta envolvendo comunidade escolar e comunidade local. O mesmo documento identifica e indica as escolas das ilhas como escolas do campo, visto a relação sociocultural e econômica que as comunidades têm com o território, a terra e os corpos de água e modos de vida (PARANÁ, 2010).

É importante ressaltar que a identificação de escola do campo e a proposta de desenvolver uma organização curricular que atendesse a demanda pedagógica dos ilhéus é construída a partir de documentos e reuniões técnicas envolvendo SEED, Núcleo Regional de Educação de Paranaguá, Universidade Federal do Paraná e coordenadores das escolas. Para contemplar as comunidades tradicionais locais das ilhas e a demanda de uma proposta específica das escolas das ilhas foi elaborada a proposta pedagógica, inicialmente experimental, nomeada em 2009 como o Projeto Escolas das Ilhas (ANDREOLI, 2016).

Entre outras premissas o documento valoriza o diálogo de saberes cotidianos e escolares, considerando os saberes tradicionais e curriculares, sugerindo uma organização curricular que não se limite apenas a indicação de conteúdos sem vínculos a realidade local (ANDREOLI, 2016). Desde então, a proposta foi sendo regulamentada e aplicada nas escolas das ilhas (INSTRUÇÃO N° 019 /2010 – SUED/SEED).

Com o intuito de incluir a demanda dos educandos na construção de educação do campo que atenda a realidade das comunidades das ilhas do litoral do Paraná, o presente memorial relata o trabalho de diagnóstico, oficinas e envolvimento dos educandos no projeto "Saberes e fazeres do mar: diálogos entre o currículo e a realidade local nas escolas das ilhas do litoral paranaense".

### 3.2.1 Que escola queremos?

Com o objetivo de incluir as demandas dos educandos na construção do projeto, foi realizado o diagnóstico "Que escola queremos? ", durante o ano de 2018, em todas as escolas participantes do projeto.

A atividade iniciou com a apresentação do projeto, seus objetivos e entidades envolvidas, e com a explicação do motivo da visita à escola. Para as mediadoras conhecerem as turmas e para abrir espaço para o diálogo e interações mais confortáveis, uma dinâmica de apresentação foi proposta: as turmas se dividiram em duplas, e cada dupla conversou por alguns minutos; cada pessoa da dupla apresentou uma à outra, falando o nome, o que gostava de fazer, uma habilidade e comida preferida (Fig. 7).

FIGURA 7. DINÂMICA DE APRESENTAÇÃO



FONTE: A AUTORA (2018)

Após a dinâmica, a atividade de diagnóstico foi realizada. As turmas agora separadas em grupos receberam cartolinas e canetas, no quadro foi escrita a frase “QUE ESCOLA QUEREMOS?” e as ideias foram organizadas em três colunas: “ideal” (que características uma escola ideal possui), “dificuldades” (quais as dificuldades atuais e possíveis para que uma escola ideal seja alcançada) e “estratégias” (para se chegar à escola ideal). As turmas foram participativas, debateram as ideias em grupo e se dedicaram ao feitura dos cartazes (Fig. 8).

FIGURA 8. DIAGNÓSTICO “QUE ESCOLA QUEREMOS”



FONTE: BRUNO COSTELINI (2018)



O quadro abaixo é uma compilação das respostas. Os resultados da atividade foram organizados em necessidades, interesses e problemas (Quadro 1).

QUADRO 1. DIAGNÓSTICO “QUE ESCOLA QUEREMOS”

<p><b>Necessidades</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reforma geral</li> <li>- Biblioteca</li> <li>- Aumento do corpo docente</li> <li>- Refeitório</li> <li>- Barco escolar</li> </ul>
<p><b>Interesses</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividades extracurriculares</li> <li>- Quadra de esportes</li> <li>- Computadores</li> <li>- Diálogo com o NRE</li> <li>- Laboratórios didáticos</li> <li>- Aulas de campo/práticas</li> <li>- Melhoria da merenda</li> <li>- Aulas de Biologia Marinha</li> <li>- Mais salas de aula</li> <li>- Atividades coletivas</li> <li>- Celular como objeto pedagógico</li> <li>- Curso de idiomas</li> <li>- Curso de informática</li> <li>- Viagens</li> <li>- Alunos dedicados</li> </ul>
<p><b>Problemas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estrutura da escola</li> <li>- Condições das salas de aula</li> <li>- Condições financeiras</li> <li>- Acesso à internet</li> <li>- Gestão Municipal/Estadual</li> <li>- Falta de materiais didáticos</li> <li>- Acesso à merenda escolar</li> <li>- Falta/baixa qualidade de equipamentos</li> <li>- Acesso à escola</li> <li>- Concordância geral</li> </ul>

FONTE: A AUTORA (2019)

O diagnóstico foi uma ferramenta essencial para aproximação e reconhecimento da realidade escolar. A devolutiva dos resultados para os educandos assim como a discussão destes ocorreu no semestre seguinte do diagnóstico. Os educandos contribuíram com novas demandas e tiveram conhecimento sobre a realidade das escolas das outras comunidades (Fig. 9).

FIGURA 9. DEVOLUTIVA DO DIAGNÓSTICO



FONTE: A AUTORA (2019)

### 3.2.2 Oficinas interdisciplinares

Os temas e a metodologias das oficinas com os educandos são organizadas conforme a demanda diagnosticada através da provocativa “Que escola queremos?”, assim como a oferta deicineiros e a relação com o currículo escolar. O trabalho desenvolvido nesse projeto foi a articulação e gestão das oficinas para os educandos das escolas das ilhas, sendo a autora responsável pela logística, captação de materiais e oficinairos.

Para captação de oficinas um formulário de voluntariado foi criado e divulgado nas redes sociais e por meio de e-mail para colaboradores do projeto. A partir das inscrições via *Google Forms*, o portfólio foi iniciado, conforme o quadro a seguir (Quadro 2).

QUADRO 2. PORTFÓLIO OFICINAS

Nome da oficina	Breve descrição
Conhecendo o computador	Conhecendo o Computador, Ferramentas de Escritório, Introdução a lógica de Programação
Bora compostar	Será discutido com dinâmicas e rodas de conversa conceitos de: o caminho da comida, o caminho do lixo e mudanças históricas que nos afetaram. Também será trazido o problema do que é "lixo"? Sobre a separação e como ele pode ir de um dejetos sem valor pra algo útil! E por fim a explicação prática e montagem de uma composteira.
Introdução a Libras	Na oficina de libras ensinarei um pouco da história da libras, o alfabeto, os números e sinais. Com o objetivo de ensinar aos alunos o básico da libras e falar sobre a inclusão do aluno surdo.

Plantando e aprendendo -Hortinha do saber	Ensinar de forma simples, o intuito de fazer compostagem, em garrafa pet, ensinar a plantas coisas simples, e mostrar o quanto tem importância alguns restos, que nem tudo vira lixo, e as coisas podem renascer. Precisarmos de plantinhas simples que sejam fácil para adaptar ao clima da região. Assim ensinamos a separar alguns lixos os quais eles podem usar para fazer compostagem
Importância da vegetação e práticas de erosão de solo	Introdução da proporção de água, terra e vegetação no planeta Terra, abordando a importância da vegetação para equilíbrio dos gases (oxigênio molecular e dióxido de carbono), estabilização do clima, proteção dos rios e por fim, do solo, mostrando a importância da vegetação para o solo, incluindo os pontos sobre infiltração, mata ciliar e uso e ocupação do solo. Com a utilização de garrafas PET para demonstração da importância da vegetação no solo, com a simulação de erosão do solo. Com objetivo de enfatizar como é importante uma vegetação preservada e uma boa utilização e ocupação do solo.
Mulheres, natureza e autocuidado feminino	A oficina tem como objetivo trabalhar a saúde e autoconhecimento das adolescentes e jovens das comunidades, através de espaços formativos sobre o corpo da mulher, suas especificidades, como fazer seus cosméticos naturais e sobre o uso de plantas medicinais, que podem ajudar com cólicas e dores de cabeça de maneira mais natural, sem recorrer a remédios industrializados. Os materiais utilizados são chás, ervas e materiais próprios para a confecção de cosméticos naturais como sabonetes, repelentes, protetor labial e pomadas.
Geodesica	Contribuir para o aprendizado, associar com saberes locais com criterios estigmatizados pela sociedade. Temas: forma do planeta terra, decida a lua, observação do cosmos. Objetivo estimular o raciocinio científico.
Tecendo Saberes	Nesta oficina aprenderemos os nós básicos do macrame, conversaremos sobre a importância de uma fonte de renda alternativa, sobre cores, a arte, o tempo... Sobre fazer o que gosta, autenticidade, liberdade.
O mundo em uma gota	As atividades da oficina têm como objetivo proporcionar aos participantes a oportunidade de um novo olhar do mundo através das lentes de uma lupa e mediar o contato dos participantes com o manuseio deste equipamento. Busca-se com a atividade incentivar a reflexão sobre a complexidade e a diversidade da vida e os pequenos organismos que os nossos olhos não vêem, as atividades da oficina ocorrerão com base nos preceitos da educação não formal.
Filosofia Caiçara - Uma noite de contos	Desenvolver, ao longo do ano, nas escolas das ilhas paranaenses, uma oficina de contos e lendas regionais, trazidos pelas crianças das comunidades de Superagui e Ilha do Mel.



	<p>Contando com pelo menos dois encontros com os alunos, sem contabilizar o diagnóstico, onde no primeiro a dinâmica é introduzida, e no segundo, eles são encorajados a trazer alguém para participar com relatos de lendas, contos e histórias. A finalização se daria em forma de sarau, com uma apresentação dos contos pelas crianças, atividade que inicia uma grande roda de conversa, com direito a fogueira e comida, que dá espaço para que alunos, professores, pais, avós e pessoas da comunidade no geral dialoguem entre si, estreitando assim os laços entre todos, principalmente entre a comunidade escolar, de forma a melhorar o desempenho de alunos e professores.</p>
--	---

FONTE: A AUTORA (2019)

Até o presente deste memorial duas oficinas foram realizadas em diferentes escolas. Ambas foram mediadas por graduandos de Oceanografia, da Universidade Federal do Paraná.

A oficina “Bora compostar”, mediada pela graduanda Catherina Monaco Macena Ferreira, com temática resíduos orgânicos, aborda com dinâmicas e rodas de conversa sobre o caminho da comida, o caminho do lixo e mudanças históricas que nos afetaram. A oficina monta e ensina a manter uma composteira doméstica e apresentar outras formas de reutilizar o resíduo orgânico (Fig. 10).

FIGURA 10. CONVERSA SOBRE “O CAMINHO DA COMIDA” DA MERENDA ESCOLAR DO DIA



FONTE: A AUTORA (2019)

A oficina “O mundo em uma gota”, mediada pelo graduando Silvio Luiz Ferreira, têm como objetivo proporcionar aos participantes a oportunidade de um novo olhar do mundo através das lentes de uma lupa e mediar o contato dos participantes com o manuseio deste equipamento. Busca-se com a atividade incentivar a reflexão sobre a complexidade e a diversidade da vida e os pequenos organismos que os nossos olhos não vêem, as atividades têm como base preceitos da educação não formal.

FIGURA 11. PRÁTICA O MUNDO EM UMA GOTA



A AUTORA (2019)

As oficinas tiveram participação de aproximadamente 90 educandos e envolvimento de 4 voluntários da Universidade Federal do Paraná, num espaço intergeracional, interritorial, intergeracional, intercultural e com uma proposta interdisciplinar.

As propostas de oficina que compõem o portfólio dialogam com os princípios da ANE, e com o andamento do projeto "Saberes e fazeres do mar: diálogos entre o currículo e a realidade local nas escolas das ilhas do litoral paranaense", serão aplicadas e perpetuarão os valores e princípios construídos ao longo desse tempo relatado.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além das atividades realizadas durante o diagnóstico da perspectiva dos educandos, da elaboração e execução de oficinas, o projeto ressalta a importância da participação efetiva dos educandos na construção de alternativas educacionais. Para tanto, teve-se o cuidado de incluir a demanda dos educandos em todo o desenho do projeto “Saberes e Fazeres do Mar: diálogos entre o currículo e a realidade local nas escolas das ilhas do litoral paranaense”, o qual relato meu trabalho desenvolvido nesse processo de construção coletiva. As vivências que a ANE me proporcionou, como dito anteriormente, me guiaram nesse projeto em como atuar e construir um projeto de alternativa educacional dentro do âmbito formal de uma escola pública estadual. A execução do projeto foi possível devido às parcerias firmadas entre Universidade, Secretaria de Educação (sendo o Núcleo Regional de Paranaguá como facilitador nesse processo) e as comunidades escolares participantes.

O projeto Saberes e fazeres do mar tem ações previstas até o final do ano de 2020, porém as articulações que aconteceram no caminhar do projeto, como o curso de Extensão e Especialização em Educação Ambiental Marinho Costeira garantem a continuidade das metodologias construídas coletivamente.

## REFERÊNCIAS

ANDREOLI, V. M. A Educação Ambiental no contexto dos colégios estaduais da Ilha do Mel/PR: Currículo, ação docente e desenvolvimento comunitário local. **Tese**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. 370 f

\_\_\_\_\_; MEDEIROS, L. M. A Educação Ambiental como articuladora dos saberes e fazeres do mar nas escolas do campo das Ilhas do litoral do Paraná, **AMBIENTE & EDUCAÇÃO Revista de Educação Ambiental**, Dossiê A Educação Ambiental em uma perspectiva da Oceanografia Socioambiental. Vol. 24, n. 2, 2019.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Instrução nº 019/10**. Instrui a implementação da Proposta Pedagógica das Escolas das Ilhas será desenvolvida pelo Departamento da Diversidade, através da Coordenação de Educação do Campo, articulado ao Núcleo Regional de Educação de Paranaçuá. CEE. Curitiba, 2010.

\_\_\_\_\_. **Instrução nº 022/10**. Orientação sobre a formação do/a professor/a para atuar nas Áreas de Conhecimento nas Escolas das Ilhas. CEE. Curitiba, 2010.

JANUARIO, M. & FLEIG, D. G. Prática Pedagógica por Áreas do Conhecimento: Desafio aos Educadores. Disponível em <<http://migre.me/tAaSr>>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

MORIN, E. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. **Livro**. Tradução Eloá Jacobina, 8. ed. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2003

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Educação do Campo**. SEED. Curitiba, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento da Diversidade. Coordenação da Educação do Campo. **Proposta pedagógica das Escolas das Ilhas do Litoral Paranaense**. Curitiba: SEED/PR., 2009.

VIVEKANANDA, G. Parque Nacional do Superagui: A presença humana e os objetivos de conservação. 130f. **Dissertação** (Pós-Graduação em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.